

Da Galiza ao Rossio, à procura de Manuela Rey



Com *Manuela Rey Is In Da House* — um projecto conjunto do Centro Dramático Galego, do Teatro Nacional D. Maria II, do Teatro Nacional São João e do Centro Dramático de Viana — Fran Nuñez homenageia a actriz galega que realizou (e finalizou) a sua carreira no teatro fundado por Almeida Garrett, e cuja memória estava, até agora, apagada pela História. A peça sobe ao Palco Grande amanhã à noite.

Tudo começou no Norte da Galiza, num lugar perdido de Mondonhedo, a 1 de Outubro de 1842. Aí nasceu Manuela Rey, que, em circunstâncias ainda não inteiramente esclarecidas, emigrou muito jovem para Portugal, tendo-se

tornado numa das actrizes mais célebres do seu tempo. Estreou-se aos 15 anos no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, naquele que foi o primeiro acto de uma carreira fulgurante, interrompida pela morte precoce, em 1866, aos 23 anos.

No livro *Vinte anos de vida literária*, Alberto Pimentel recorda a actriz na sua passagem pelo Teatro São João: “Um querubim de asas brancas e cabelo loiro”. O Centro Dramático Galego recupera agora a história fabulosa e vagamente enigmática dessa actriz e escritora, levantando a peça *Manuela Rey Is In Da House*, com encenação e dramaturgia de Fran Nuñez. Uma espécie de regresso triunfal de Manuela Rey aos palcos.

Laboratório de ideias

Foi no Salão das Carochas, no centro histórico de Almada, que teve lugar a última sessão da formação *O sentido dos Mestres*, orientado pelo dramaturgo Rui Cardoso Martins.

Após várias sessões mais teóricas — nas quais, segundo o orientador, “tentou passar o melhor que sabia”, procurando normalizar este ofício que considera dever ser levado com gosto e profissionalismo, mas principalmente sem descurar a consciência da sua importância e necessidade —, havia chegado o momento de cumprir o desafio a que se tinha proposto no início do curso, isto é, abrir espaço à discussão colectiva de uma ideia.

Esta proposta de exercício dramático, que frequentemente pratica com os seus alunos, foi desde logo aceite pelos cerca de vinte e cinco participantes presentes, de entre os quais saíram vários voluntários que, com o seu contributo para a sessão, prontamente partilharam as suas ideias com uma postura de total disponibilidade para acolher as sugestões do grupo e do orientador.

Este método de “quase construção colectiva” deu lugar a um verdadeiro fórum de ideias onde aqueles que compreendem o sentido das personagens contribuíram com sugestões para a sua construção, lançando algumas dicas, que passaram pelos figurinos, pelo palco e pelos adereços utilizados pelas personagens.

Entre os vários conselhos que ecoaram nesta sessão, dirigidos a todos aqueles que se aventuram na escrita, destacamos: a necessidade de ter um bom *plot twist*; a relevância de uma ponderação cuidadosa do tempo atribuído à peça; a importância de atender à escrita, pois “as didascálias pedem elegância”; reiterou-se o valor de escrever com entusiasmo, mas simultaneamente deixar as ideias fermentar; discutiu-se sobre as vantagens de experienciar várias profissões e de procurar relatos verídicos, ainda que seja para escrever sobre o absurdo, uma vez que “o absurdo é mais forte quando lá no fundo tem um sentido”; para além disso, e como “no teatro tudo tem consequências”, quan-



© Patrícia Poção

to às personagens, discutiu-se a necessidade de lhes atribuir um passado, dado que “ninguém pode aparecer em cena sem ter um passado”, porque “todos nós car-

regamos uma culpa qualquer”; sabendo, ainda, que é essencial que nelas seja visível “uma evolução, um crescimento”.

Rute Costa

Materialização de um espaço de memória

Ontem no Colóquio da Esplanada Cucha Carvalheiro falou-nos de *Fonte da Raiva*, (de que é a autora e encenadora), que esteve em cena nos dias 5 e 6 de Julho no TMJB. Statt Miller, que moderou a conversa com o público, introduziu os temas da peça: uma família composta por cinco irmãs, cuja mãe terá falecido há dois anos, e em que a irmã mais velha é o topo da hierarquia familiar. Este texto fala-nos do Portugal da segunda metade do século XX, abordando temas como o da Guerra do Ultramar, e o de um País em ditadura, onde a modernidade não chegava, num ambiente rural fechado. O contacto com o exterior fazia-se através da telefonia, que servia para Adelaide, uma das irmãs, ouvir o seu "afilhado de guerra". "Nesta encenação há também um sonho amoroso" - continuou Statt - "um forte debate sobre a religião".

Cucha Carvalheiro explicou que durante a pandemia, e enquanto procurava ideias para um projecto futuro, se lembrou da peça do dra-



© Patrícia Poço

maturgo inglês Brian Friel, *Danças a um deus pagão*, uma peça autobiográfica publicada em 1990. Apesar de não ter filhos, Cucha quis deixar um testemunho aos seus sobrinhos e sobrinhos-netos sobre a realidade da sua infância, e as memórias do Portugal de 1962 (a peça irlandesa passa-se em 1939). Foi neste caldo que nasceu *Fonte da raiva*. "São diversas as histórias que eu misturei; memórias minhas com a estrutura que surripei ao Brian Friel. A origem do nome

Fonte da raiva, tem que ver com o nome de uma localidade chamada Poço da Raiva. Ao longo da escrita fui descobrindo algumas coisas, e também, com o contributo das histórias que os actores traziam, fiz umas 18 versões do texto! Foi um processo muito feliz! Eu não vejo a peça como uma tragédia: gosto muito de alta comédia". E, tal como Tchecov, ficou muito espantada por os actores chorarem enquanto liam a peça.

Miguel Martins

DEIXA DO DIA

"Como tema da minha conferência de hoje escolhi: os malefícios que o uso do tabaco causa à humanidade. Eu próprio cheiro tabaco, mas a minha mulher mandou-me falar hoje sobre os malefícios do tabaco e, portanto, estamos conversados. Se é sobre o tabaco, pois seja sobre o tabaco - é-me indiferente".

In *Os malefícios do tabaco*, de Anton Tchecov, que integra o espectáculo *Crisi di nervi*, com encenação de Peter Stein.

Cadetes no Festival



© Patrícia Poço

Determinados sectores do público têm-nos interrogado com crescente curiosidade acerca da presença de variados jovens fardados nesta edição do Festival. Conversámos com dois destes jovens à saída de *Black Lights*, a peça que faz a apologia do feminismo e milita contra o assédio

aos mais vulneráveis. Pois bem, o enigma está resolvido: estes rapazes e raparigas vêm ao Festival ao abrigo de um protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal de Almada e a Academia da Escola Naval, que visa a integração local dos cadetes oriundos das diversas regiões portuguesas.

Entrega do Prémio Carlos Porto

Amanhã será entregue o Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto, que distingue os autores dos melhores textos sobre o Festival de Almada publicados na imprensa nacional ou estrangeira.

Este Prémio, instituído pela Câmara Municipal de Almada, divide-se em três categorias: Grande Prémio Carlos Porto, Prémio Carlos Porto imprensa generalista, e Prémio Carlos Porto imprensa especializada.

A cerimónia decorre imediatamente antes do espectáculo de amanhã à noite, *Manuela Rey Is In Da House*, às 22h. No Palco Grande da Escola D. António da Costa estarão Inês de Medeiros, Rodrigo Francisco e Teresa Porto para anunciar os vencedores.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Teatro
Entrelinhas
Incrível Almadense

19:00 | Teatro
Crisi di nervi
Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 | Teatro
Além da dor
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música
Catman and the blue doozers
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Manuela Rey Is In Da House
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau à Zé do Pipo
Rancho vegano

AMANHÃ

Rolo de carne com tâmaras e bacon
Lulas recheadas com puré
Tagliatelle gratinadas com cogumelos